

NOTÍCIA EM JORNAL IMPRESSO: DISCURSO, ATIVIDADE E EFEITOS DE SENTIDO

NEWS IN A PRINTED NEWSPAPER: DISCOURSE, ACTIVITY AND SENSE EFFECTS

Élida Lima

Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS

Maria da Glória Corrêa di Fanti
Pontifícia Universidade Católica do RS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar características da constituição da notícia em jornal impresso, de modo a apreender pistas que recuperem, ainda que em parte, facetas da atividade discursiva do jornalista no que se refere a aspectos do debate entre normas que antecedem o fazer jornalístico e suas renormalizações na atividade de produção da notícia. Para tanto, é analisada uma notícia, publicada no Jornal Zero Hora (RS) em 24 de julho de 2006, que focaliza o descontentamento de pais com a utilização de um artigo assinado pelo líder do MST, João Pedro Stedile, em livro didático de geografia, na 5ª. série. Os pressupostos teóricos centrais que subsidiam a reflexão partem dos estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo e estabelecem interlocução com a abordagem ergológica, possibilitando observar particularidades da constitutiva e tensa relação com o discurso do outro e possíveis implicações na atividade do jornalista.

PALAVRAS-CHAVE: notícia em jornal impresso; constituição dialógica do discurso; renormalização; atividade do jornalista.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing characteristics of the constitution of news in a printed newspaper in order to identify marks able to retrieve, at least partially, facets from journalists' discursive activity as regards the confrontation among norms preceding journalistic actions and these norms' renormalizations in the news producing process. For doing this, we examine a piece of news published by Zero Hora, a newspaper from Rio Grande do Sul, Brazil, in July 24, 2006 about the negative reaction of some Brazilian groups to the use of an article by João Pedro Stedile, the leader of MST, a Brazilian landless movement, in a geography textbook used in primary education. The main theoretical grounds for informing our reflection come from studies developed by Bakhtin and his Circle in a dialogue with French's ergological approach, and makes possible to identify particular aspects of the constitutive and tense relationship of the enunciator and the other discourses and the implications this may have for journalists' activity.

KEYWORDS: printed newspaper news; discourse's dialogical construction; renormalization; journalists activity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tendo em vista a complexidade da atividade do jornalista na produção da notícia, no que tange à diversidade de normas que antecedem o seu fazer e as sucessivas renormalizações que se concretizam na singularidade do trabalho vivo, temos o propósito de analisar, neste artigo, características da constituição da notícia em jornal impresso, de modo a apreender pistas que recuperem, ainda que em parte, facetas da atividade discursiva do jornalista relativas à produção da notícia. Para atingir esse fim e considerando que esta reflexão não visa a generalizações, analisamos uma notícia, publicada no Jornal Zero Hora (RS) em 24 de julho de 2006, que focaliza o descontentamento de pais com a utilização de um artigo assinado pelo líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), João Pedro Stedile, em livro didático de geografia, na 5ª.

série. Justificamos a escolha desta notícia pelo fato de apresentar uma heterogeneidade de elementos, que suscitam o presente estudo.

A reflexão tem como pressupostos teóricos centrais os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo e a abordagem ergológica.¹ Da teoria bakhtiniana, recuperamos especialmente o princípio dialógico e as noções de enunciado e gênero do discurso, e da ergologia as concepções de atividade, normas antecedentes e renormalizações, que, em interlocução, contribuem para a compreensão de características do trabalho jornalístico no que tange às dimensões éticas e históricas dos saberes presentes nas atividades humanas².

No que diz respeito à atividade do jornalista, podemos dizer que há uma tensão entre as técnicas de redação, o fato e o jornal, que exige do profissional da comunicação fazer escolhas para a produção da notícia, o que faz ressoar pistas sobre seus próprios saberes, valores e interesses. Tal observação remete ao que Schwartz chama de fazer história, pois a aproximação da atividade com a história "nos conduz a tocar com o dedo naquilo que o trabalho nos engaja e nos custa, porque ele nos obriga sempre, mais ou menos, a criar, a inventar e, por isso mesmo, a nos reinventar" (2003, p.25). Nessa perspectiva, considerando o estatuto lacunar das normas e o caráter industrioso da atividade de trabalho, pretendemos com esta análise resgatar aspectos da produção da notícia e da singularidade (heterogênea) do fazer do jornalista frente ao gênero notícia e aos pretensos efeitos de *objetividade*, *veracidade* e *neutralidade* no tratamento dos fatos.

1. Perspectiva dialógica e abordagem ergológica

Críticos da concepção de língua como um sistema de normas imutáveis e do entendimento de que a enunciação é um ato individual, os integrantes do Círculo de Bakhtin ressaltam a dinamicidade da língua e a concretização da enunciação como interação social, situada historicamente. Integrando uma discussão ideológica mais ampla, a enunciação instaura variadas relações de sentido entre discursos (responde, refuta, confirma, antecipa etc.), o que exige a observação do seu vínculo com a situação concreta, pois "nasce, vive e morre no processo da interação social" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.107; VOLOSHINOV, 1981, p.198)³. É por esse caminho que se vislumbra o princípio dialógico da linguagem, que instaura uma permanente interação entre discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando variadas relações de sentido, também designadas como relações dialógicas (BAKHTIN, 2010).

O enunciado, para o pensador russo, é um elo na cadeia da comunicação discursiva, o que significa dizer que não só está ligado aos enunciados precedentes como também aos subsequentes. Nessa concepção, o falante, ao elaborar enunciados, ao mesmo tempo que responde a já-ditos, não deixa de antecipar dizeres. A antecipação acontece como forma de respostas a objeções que porventura possam ser feitas pelo interlocutor (presente ou presumido). Assim, "o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, já que o interlocutor não é um ouvinte passivo, mas sim participante ativo" (BAKHTIN, 2003, p.301).

Considerando o enunciado como a unidade mínima da comunicação discursiva, por meio do qual a língua se materializa, seja na forma oral, seja na forma escrita, Bakhtin observa que os enunciados são concretos e únicos, sendo proferidos por integrantes de um ou outro campo de atividade. Embora cada enunciado seja individual, ele integra os gêneros do discurso, "*tipos relativamente estáveis* de enunciados", representantes de esferas específicas (BAKHTIN, 2003, p.261, 262). Os gêneros são constituídos por elementos que fazem ressoar particularidades da

¹ O Círculo de Bakhtin é formado por um grupo de estudiosos de diferentes áreas, cujos principais integrantes da área da linguagem são M. Bakhtin, V.N. Volochinov e P.N. Medvedev. Não entramos na discussão existente sobre a autoria de alguns textos, por isso utilizamos os nomes conforme constam das obras consultadas.

² Além dessas perspectivas teóricas centrais, são consideradas, conforme a exigência da discussão, contribuições tanto da área da Comunicação Social quanto dos Estudos da Linguagem.

³ As rubricas "enunciação" e "enunciado", na obra bakhtiniana, conforme explica o tradutor Paulo Bezerra (BAKHTIN, 2003), advêm do termo russo *viskázivanie*, significando tanto o ato de enunciar em palavras, como o seu resultado. Por isso, o tratamento dado ao enunciado equivale ao da enunciação.

relação empreendida com a esfera de produção, circulação e recepção do discurso, revelando certa estabilidade em sua constituição. O *tema*, o sentido singular de uma materialização do gênero, a *forma composicional*, a construção organizacional em diferentes dimensões, e o *estilo da linguagem*, recursos lexicais e gramaticais da língua, engendram-se nas produções enunciativas concretas, configurando-se como gêneros do discurso. Tais particularidades revelam o estilo individual, dialógico, do locutor no enfrentamento do gênero. Logo, seguindo Bakhtin, “a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade”, relaciona-se ao gênero escolhido, ou ainda, “constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero” (2003, p.282). Por essa razão, destacamos a afirmação do pensador russo, segundo a qual “falamos através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (2003, p.282).

Partindo da teoria bakhtiniana, estabelecemos interlocução com a Ergologia, abordagem especializada na análise do trabalho⁴, que tem como preocupação a valorização do humano nas trocas laborais (SCHWARTZ, 1994, 2003, 2010). Sob esse enfoque, baseada num paradigma pluridisciplinar, a Ergologia, dentre o quadro científico que estuda o trabalho, passa a questionar formas racionalizadas, como as propagadas pelo taylorismo⁵. Muito mais do que proporcionar ganhos econômicos para a civilização no início do século XX, o período taylorista trouxe à tona questionamentos sobre a forma mecanicista como era encarada a *força de trabalho* humana, devido ao fato desse regime não dar espaço para a contribuição intelectual do trabalhador. Isso pode ser observado no modo como as relações laborais eram regidas naquela época: os administradores eram os criadores de regras e os empregados, considerados simples cumpridores. O ser humano era visto como mero executor de tarefas, uma simples engrenagem da organização.

Contestando esse paradigma, surgem novas teorias de análise do trabalho, como a Ergonomia da Atividade, que, tendo como foco a atividade humana, problematiza o trabalho real, considerando-o não como uma execução do prescrito, mas sim mostrando, a partir de análises concretas, a distância entre o prescrito e o real. A Ergologia (foco deste artigo) dá um passo à frente aos estudos da Ergonomia ao propor a análise do trabalho vivo a partir de um conjunto de várias disciplinas, as quais têm como preocupação a valorização do conhecimento de cada trabalhador. O pesquisador Yves Schwartz (1994, 2003, 2010), em seus estudos, enfatiza o ser humano, na atividade de trabalho, como *fabricante* de história, com capacidade de (re)questionar e (re)combinar os saberes, (re)elaborando em permanência novas tarefas para o conhecimento.

A atividade de trabalho é reconhecida como lugar de se fazer história na medida em que o ser humano, tratando daquilo que não é antecipável, realimenta e transforma as configurações culturais e sociais. Schwartz, dessa forma, não descarta as prescrições do trabalho, mas sobretudo as redefine como normas antecedentes, as quais, embora mantenham a mesma natureza das prescrições, não se limitam a elas⁶. Para o filósofo, as normas antecedentes são importantes e podem orientar, em parte, o que vai ser produzido no *vivo da atividade*; entretanto, não pré-definem o real do trabalho, já que a história da atividade é sempre inacabada e lacunar.

Se este concentrado de história é sempre, por uma parte, inacabado, lacunar, isto significa que a história se re-escreve em permanência, que novas normas de construção

⁴ Trata-se de estudos realizados por pesquisadores vinculados à Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail (APST) da Université de Provence (Aix-Marseille I). Entre as reflexões desenvolvidas pelo grupo, destacamos a proposta da Ergologia, desenvolvida pelo filósofo Yves Schwartz, que apresenta uma concepção comprometida com características do trabalho (as atividades laborais do sujeito) no que tange às dimensões éticas e históricas dos saberes presentes nas atividades humanas.

⁵ O termo taylorismo refere-se a Frederick Taylor e ao método por ele criado de simplificação das relações de produção, difundido pelo mundo no período pós-guerra até o início do seu declínio nos anos 80 (SCHWARTZ, 2006). Nesse modelo, falar significava perda de tempo. Tal concepção ganhou difusão a partir do tipo de trabalho adotado nas linhas de montagem idealizadas por Henry Ford (da indústria automobilística Ford), onde se preconizava o controle de tempo e ritmo de trabalho.

⁶ Sobre as particularidades do trabalho prescrito e das normas antecedentes, consultar Telles e Alvarez (2004).

de saberes, de construção do social, “renormalizações” incessantes reaparecem em todos os lugares onde os grupos humanos se mobilizam para produzir. (SCHWARTZ, 2003, p.24)

Considerando essas observações, Schwartz (1994, 2003, 2010) propõe que se observe o debate entre normas antecedentes (objetivos, planejamentos) e renormalizações (o trabalho vivo) para o entendimento de características da atividade. Nesse debate, ocorrem subversões das normas, momento em que cada um, na relação incessante com o outro, preenche lacunas e *faz história*, revelando renormalizações mais ou menos engenhosas e criativas. Segundo Schwartz (2003, p.27), os saberes estão na dependência dos debates de normas, que, inseridos na história que se faz no dia-a-dia, não podem se desenvolver na neutralidade, assim como o trabalhador não pode ser neutro quando faz a própria história. Trata-se de um ato único a (re)significação das normas, o preenchimento das lacunas com o heterogêneo saber. A atividade “é sempre um ‘fazer de outra forma’, um ‘trabalhar de outra forma’”, pois “é uma espécie de obrigação [...] já incluir uma dimensão de transformação” (SCHWARTZ, 2010, p.35).

2. A notícia jornalística

Tendo em vista o propósito deste artigo de analisar características da constituição da notícia a fim de apreender pistas da atividade discursiva do jornalista no que se refere a aspectos do debate entre normas antecedentes e renormalizações, passamos a discutir, nesta seção, características gerais da notícia em relação à esfera jornalística e às orientações dos manuais de redação para, na seção seguinte, procedermos à análise da notícia selecionada.

A indissociável relação entre as esferas⁷ da atividade humana e os seus enunciados pode ser observada no campo jornalístico a partir dos gêneros do discurso que, ao serem publicizados, adquirem nuances peculiares às operações da esfera midiática. Por isso, podemos considerar que há um espaço simbólico de apresentação, com especificidades discursivas que possibilitam o reconhecimento da notícia como gênero jornalístico.

Há de se considerar também que a produção dos enunciados relativamente estáveis da esfera jornalística, previstos nas técnicas de redação e subjacentes às rotinas de produção da notícia e aos valores que orientam a profissão, é definida por um projeto enunciativo, que pode ser observado, conforme Bakhtin (2003), na realização da vontade discursiva do falante na escolha de um gênero de discurso, próprio de uma dada esfera de atividade. Na forma peculiar das produções jornalísticas, o projeto enunciativo do falante é desenvolvido e (re)significado, mostrando sua (inter)subjetividade frente ao outro (interlocutor, espaço, objeto do discurso etc.) em um determinado gênero. Isso pode ser observado pelos acentos sociais de valor engendrados nos enunciados, que revelam aspectos do estilo do locutor nas trocas verbais.

No âmbito dos estudos da área de comunicação, Pena (2005, p.69) observa que há dois grandes grupos que organizam os gêneros encontrados nas edições dos jornais impressos: informativos e opinativos. O jornalismo informativo é representado por nota, notícia, reportagem e entrevista. O jornalismo opinativo, por outro lado, apresenta-se via editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta, entre outras possibilidades. A distinção entre nota e notícia, para o autor, está na progressão dos acontecimentos: “A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na TV. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social.” A notícia, por conseguinte, é o gênero que ocupa maior espaço nos jornais diários e pode ser compreendida, em sua estrutura, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. Tal estrutura,

⁷ Esfera é um dos conceitos da extensa malha teórica bakhtiniana. Faraco (2006, p.112) explicita esse conceito quando afirma que “o pressuposto básico da elaboração de Bakhtin é que o agir humano não se dá independente da interação; nem o dizer fora do agir. Numa síntese, podemos afirmar que, nesta teoria, estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade”.

de acordo com Lage (1998, p.60), segue uma lógica (que configura o texto como notícia), porém os critérios de importância ou interesse envolvidos em sua produção são marcados por questões ideológicas, como comportamentos de mercado e oportunidades.

Para a compreensão de características da produção da notícia, recorreremos aos manuais de redação dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, que apresentam a organização de preceitos epistemológicos e a definição de regras para a padronização da produção jornalística, nos quais estão descritas as recomendações, a partir do viés empresarial, para a operação dos profissionais do Jornalismo. Os recursos prescritos nesses manuais, como precisão dos fatos, texto conciso, discurso citado, exclusão de adjetivos, reclamam efeitos de objetividade, os quais se fazem necessários no jornalismo informativo.

Os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* disponibilizam seus manuais para venda ao público externo à redação, sendo comum o uso de tais publicações em aulas de redação dos cursos de jornalismo. Os manuais, além de trazerem as regras que norteiam o trabalho dos profissionais e as técnicas de redação, também apontam os critérios utilizados para a avaliação da importância de um fato. Destacamos a seguir alguns desses critérios, considerados elementares, para definir a importância da notícia, segundo o *Manual de Redação do Jornal Folha de S. Paulo* (2005, p.43-44):

- ineditismo – a notícia inédita é mais importante do que a já publicada;
- improbabilidade – a notícia menos provável é mais importante do que a esperada;
- interesse – quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é;
- apelo – quanto maior a curiosidade que a notícia desperta, mais importante ela é;
- empatia – quanto mais pessoas puderem se identificar com os personagens e a situação da notícia, mais importante ela é;
- proximidade – quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é.

Embora os manuais de redação busquem normatizar o fazer jornalístico, é consenso entre os estudiosos que o texto de jornal sofre tantas influências desde a escolha da pauta até a publicação nos periódicos que seria inapropriado considerá-lo como objetivo. Ainda assim, o efeito de objetividade é ponto referencial para o jornalismo e uma característica do gênero notícia. Segundo Pena (2005, p.50), isso ocorre “porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais”. Portanto, faz-se necessário tentar *neutralizar* pontos de vista que possam refletir opiniões pessoais sobre um dado fato, o que, no entanto, seguindo o paradigma bakhtiniano, não garante imparcialidade, pois a linguagem é sempre dialógica (BAKHTIN, 2003), e, assim sendo, constitui-se por interlocuções ímpares com outros enunciados que não deixam de refratar visões de mundo. Não se desconsidera, entretanto, a importância das normas antecedentes (SCHWARTZ, 2003), no caso o manual de redação, como uma orientação que tenta amenizar marcas de personalidade no relato dos acontecimentos, que são renormalizadas no processo de produção da notícia e deixam emergir a singularidade da atividade do jornalista.

3. Reflexões analíticas

Para desenvolvermos o objetivo proposto neste artigo, organizamos a reflexão em duas instâncias. Na primeira, apresentamos características sobre o contexto de produção da notícia e, na segunda, apresentamos a análise da notícia a partir de critérios definidos.

Educação Trechos considerados ideológicos por pais de alunos e artigo do líder do MST João Pedro Stedile em livro didático causam polêmica em escola de Bagé

“Mãe, o vovô é latifundiário?”

LEANDRO BELLES

Em uma região marcada por confrontos entre ruralistas e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o livro de geografia usado na Escola Auxiliadora, uma das mais tradicionais instituições particulares de Bagé, causa polêmica entre os pais dos estudantes.

As queixas se referem a trechos considerados ideológicos e à presença de um artigo do líder nacional dos sem-terra João Pedro Stedile. A publicação é usada na 5ª série do Ensino Fundamental de algumas escolas da rede salesiana no Brasil, à qual pertence a instituição.

Descontentes com o enfoque dado na parte que trata sobre “Os modos de vida no campo – o uso da terra”, os pais ficaram indignados ao ver um texto de Stedile ilustrando o dia-a-dia de um assentamento. O artigo Terra Prometida é original do livro *Questão Agrária no Brasil*.

– Só falta exigir que os alunos levantem e aplaudam – diz Daniela Gomes, administradora e mãe de uma menina de 10 anos.

A agrônoma Eveline Almeida ficou impressionada com a pergunta da filha de 11 anos:

– Mãe, o vovô é latifundiário?

Segundo Eveline, a filha teria aprendido, a partir do livro, que a presença de máquinas no campo seria responsável pelo desemprego dos que chegam às cidades.

– Quando ouvi aquilo, não acreditei. Minha filha estava se sentindo culpada por ser filha e neta de produtor rural – espanta-se Eveline.

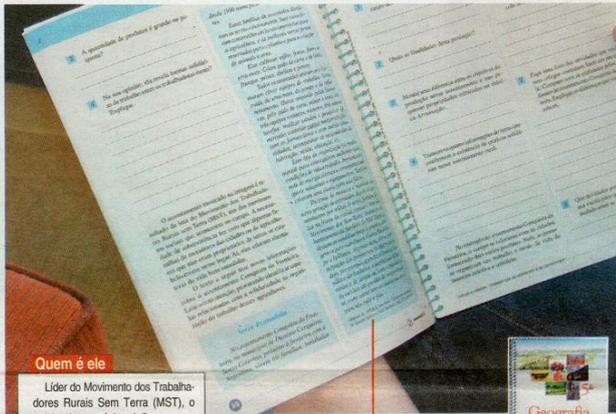
O Sindicato Rural da cidade tentou a instituição para protestar.

– Publicar um texto escrito por um cidadão processado por pregar o assassinato de produtores rurais – é, no mínimo, curioso – comenta o presidente do Sindicato Rural de Bagé, Paulo Ricardo Dias.

A direção da escola informou que revisará o conteúdo no próximo ano. – Estamos abertos a críticas e somos contra invasões e depredações. Vamos discutir a mudança com toda a rede salesiana – informa o diretor da escola, padre Dácio Bona.

Nesta semana, o Sindicato Rural de Bagé deve entrar em contato com a direção da rede para tentar mudar o conteúdo da publicação.

leandro.belles@zerohora.com.br



Quem é ele

Líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o economista gaúcho João Pedro Stedile nasceu em 1953. Hoje, é um dos principais líderes nacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Foi funcionário da Secretaria da Agricultura e teve participação decisiva no início do MST, em 1979, em Ronda Alta. Ganhou notoriedade na invasão da Fazenda Annoni, em 1985. Em 2003, numa palestra em Canguçu para pequenos agricultores e sem-terra, conclamou os 23 milhões de pessoas da “luta camponesa” para enfrentar os 27 mil fazendeiros do país. Ele foi processado pelo fato, mas a ação foi extinta pela Justiça em 2005.



Stedile já teve de responder à Justiça por conclamar a luta contra os fazendeiros

A publicação controversa

...em, por exemplo, quem faz a limpeza das salas e dos banheiros, a distribuição de horários e de tarefas na horta comunitária da escola e até questões de comportamento, como entrar sem os chinelos na escola, para não sujar o piso.

Adaptado de: STEDILE, João Pedro. “Um caso bem-sucedido”. In: *Questão Agrária no Brasil*. São Paulo: Atual, 1997, p.59-65.

O que inquieta os pais

Trecho do artigo de Stedile:

“Dezanas de meninos e meninas, a nova geração de assentados, depois de caminharem por trilhas de terra, formam filas na frente da escola, cantam o hino do Movimento dos Sem-Terra. Assistem ao hasteamento da bandeira do MST.”

A definição de latifúndio encontrada na publicação:

No capítulo que trata da terra, o livro diz que “latifúndio é toda área superior a mil hectares”. Conforme os pais, dá a entender que todo mundo que tem mais de mil hectares é latifundiário.

Abordagem de tema seria prematura, dizem especialistas

O caso sobre o material didático usado na escola de Bagé chegou ao conhecimento do fundador da ONG Escola Sem Partido (www.escolasempartido.org), criada em 2004 para combater a doutrinação ideológica nas escolas brasileiras.

– Neste caso, estão tentando fazer a cabeça das crianças em uma idade em que elas não têm condições de discernir. Então, se vai se colocar uma visão, no caso o texto de Stedile, que se coloque também uma outra – critica Miguel Urbano Nagib, fundador da organização não-governamental.

Para a coordenadora do curso de Geografia da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Cláudia Luísa Pi-

Contraponto

O que diz Maria Inez Diniz, diretora pedagógica da rede salesiana, à qual pertence a escola:

Não há nenhum juízo de valor. É um livro com conteúdo de geografia.

res, textos como os apresentados pela escola são muito complexos para alunos com essa idade:

– Não digo que esteja certo ou errado. Afirmo que esses estudantes são imaturos para receber informações complexas como essa. Eles não têm maturidade para opinar.

Escolas entram em férias mesmo após greve

JAISSON VALIM

Centenas de alunos de escolas estaduais de Porto Alegre voltarão a viver uma controvérsia a partir de hoje.

Das 10 instituições da Capital com paralisação total em pelo menos parte dos 27 dias de greve do magistério (entre março e abril), em cinco delas os estudantes entrarão em férias de até uma semana, como os colegas que tiveram aula normal no primeiro semestre letivo.

A folga preocupa uma parcela das turmas. O presidente da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (Uges), Erico Maciel Michel, considera a medida prejudicial especialmente para os colegas do 3º ano do Ensino Médio que tentarão vestibular no início do próximo ano.

– Se a recuperação das aulas chegar a janeiro, eles terão dificuldades para fazer as provas – avalia.

Mãe de dois alunos matriculados em escolas estaduais porto-alegrenses, a vice-presidente da Federação das Associações e Círculos de Pais e Mestres do Rio Grande do Sul (ACPM-Federação), Benicene Cabreira da Costa, preocupa-se com a qualidade da recuperação. Mas acredita que, na maior parte dos casos, a definição tenha contado com a participação de pais e alunos.

Instituições têm autonomia para definir recuperação

Para justificar o receso, as escolas ouvidas por Zero Hora repetem o argumento de Benicene. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luciana de Abreu, a supervisora Kathar Misoczki conta que a comunidade definiu a oferta de aula aos sábados, o que permitirá a recuperação dos dias perdidos sem comprometer as férias no do próximo ano.

Para o secretário-geral do CperS, Enio Manica, as férias agora evitam que o rendimento dos alunos caia:

– Sem um intervalo, poderá haver um esgotamento dos estudantes.

A titular da 1ª Coordenadoria-Regional de Educação (CRE), Cleci Jurach, afirma que o receso em escolas com greve total não apresenta qualquer irregularidade. As instituições – conforme o acordo para dar fim à paralisação, baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – ganharam autonomia para escolher as datas da recuperação.

jaisson.valim@zerohora.com.br

Figura 1: Notícia “Mãe, o vovô é latifundiário?”

3.1 Contexto de produção da notícia

A notícia selecionada para esta reflexão foi publicada no jornal Zero Hora, em 24 de julho de 2006, página 24, da Editoria Geral, sob o título “Mãe, o vovô é latifundiário?”. Essa notícia trata do descontentamento de pais de crianças que estudam na Escola Auxiliadora, em Bagé-RS, com a utilização de um artigo assinado pelo líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), João Pedro Stedile, em livro didático de geografia, usado na 5ª série da referida escola.

O líder do MST é um personagem da política brasileira que ganhou notoriedade em função de ser o principal porta-voz dos agricultores sem-terra no Brasil e, nesse sentido, tem

gerado, por um lado, grande simpatia entre os membros do Movimento e, por outro, aversão dos proprietários rurais de segmentos produtivos organizados. Stedile, entre outras atividades voltadas para a projeção do MST, costuma escrever artigos para jornais e revistas brasileiras e, no primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (entre 2003 e 2006), ganhou espaço também em algumas esferas do Governo Federal.

No caso da notícia em análise, entretanto, é focado o descontentamento com um artigo de Stedile publicado em livro didático de geografia, da 5ª série, utilizado por uma tradicional instituição de ensino privado de Bagé, a Escola Auxiliadora, que integra a rede salesiana (gerenciada pelos irmãos salesianos e com vínculo à Igreja Católica). Nesse contexto, é preciso considerar que o município está localizado numa região onde as atividades do MST são muito contestadas, a fronteira sudoeste gaúcha, local em que os embates entre os proprietários rurais e o Movimento são acirrados. Sob esse ponto de vista, não causa estranhamento que o texto apresentado no livro didático, favorável às ações do MST, tivesse algum tipo de reação. O que talvez não fosse esperado é que houvesse cobertura jornalística do episódio, que atinge uma parcela reduzida de pessoas (no caso, os pais de crianças de uma turma da Escola Auxiliadora e a direção do educandário), considerando o espaço destinado ao fato no jornal.

A notícia⁸ foi publicada no primeiro caderno do jornal Zero Hora, o mais importante periódico do Rio Grande Sul, na editoria Geral, onde são publicadas as notícias de interesse comunitário e com enfoque local do Estado. A matéria⁹ ocupa o tópico principal da página, distribuída em quatro colunas de largura, das cinco que subdividem a página, e toda a extensão vertical. Apresenta elementos gráficos, que reproduzem o livro, com destaque para uma parte significativa do texto de Stedile, e um pequeno box, intitulado *Quem é ele*, no qual é traçado um breve perfil do líder sem-terra. Há ainda uma segunda matéria (texto), como complemento à primeira, na qual há opiniões de pessoas que o locutor trata como especialistas da área. A matéria *Abordagem de tema seria prematura, dizem especialistas* traz também um box, intitulado *Contraponto*, espaço usado para a “manifestação” de quem está sendo “questionado”, neste caso a rede salesiana.

O título do texto principal foi retirado de uma observação feita por uma menina, de 11 anos, que frequenta a 5ª série da Escola Auxiliadora. Ao chegar em casa, após as aulas e a leitura do artigo apresentado em seu livro de geografia, a menina questionou a família: *Mãe, o vovô é latifundiário?* A pergunta parece ter desencadeado a reação dos pais, que, segundo a notícia, são produtores rurais, e a consequente mobilização das lideranças do setor. Com relação à utilização da expressão da criança no título é válido ressaltar que o uso de citações em título não é prática usual no jornal Zero Hora, a não ser em declarações feitas por autoridades/figuras públicas e sobre um assunto de impacto para a sociedade.¹⁰

A notícia em foco é apresentada na sua forma clássica, a pirâmide invertida, ou seja, os elementos enunciativos principais são dispostos do início para o fim do texto. Tal recurso é recorrente em textos do jornalismo informativo, o que nos permite relacionar a uma das características da relativa estabilidade do gênero notícia. Sob esse ponto de vista, embora haja recorrência dessa particularidade, entre outras, tratando-se de gênero discursivo, como prevê Bakhtin (2003), haverá necessariamente dinamicidade, permitindo singularizações, ressignificações, por parte do locutor.

⁸ Compreendemos notícia como um gênero discursivo, relativamente estável, que se materializa em situação de enunciação concreta, tendo em vista projeto enunciativo, interlocutores, espaço e tempo histórico, empresa de comunicação e esfera de atividade jornalística, cujas características interferem nas escolhas dos recursos verbais (textos, títulos, cartolas etc.) e não-verbais (imagem, cor, recursos gráficos etc.). Assim, embora tenhamos conceituado notícia na seção 2 “como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante [...]” e que “tal estrutura segue uma lógica” (LAGE, 1998, p.60), consideramos que o termo é mais abrangente, referindo-se à informação publicada e aos elementos que compõem o espaço enunciativo-discursivo.

⁹ Matéria no jargão jornalístico equivale à notícia.

¹⁰ Um exemplo são declarações de presidentes da República sobre reeleição, que merecem destaque por ter consequências no cenário político nacional.

As características do gênero discursivo, considerando a tensão entre o repetível e o irrepitível, ratificadas via princípio dialógico, entram em consonância com o que Schwartz (1994, 2003, 2010) chama de dimensão humanizada do trabalho (valores, saberes, experiências, história), que considera o permanente debate com as normas, configurando renormalizações diversas. Na notícia em foco, pistas discursivas da relação norma/renormalização podem ser percebidas na abertura da matéria em questão, o que em jornalismo se chama de *lead* (o primeiro parágrafo) e *sublead* (segundo parágrafo, quando também apresenta informações básicas):

Em uma região marcada por confrontos entre ruralistas e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o livro de geografia usado na Escola Auxiliadora, uma das mais tradicionais instituições particulares de Bagé, causa polêmica entre os pais dos estudantes.

As queixas se referem a trechos considerados ideológicos e à presença de um artigo do líder nacional dos sem-terra João Pedro Stedile. A publicação é usada na 5ª série do Ensino Fundamental de algumas escolas da rede salesiana no Brasil, à qual pertence a instituição.

Por um lado, o jornalista/jornal segue a pirâmide invertida como recomendam as técnicas de redação.¹¹ O *lead* e *sublead* respondem às perguntas clássicas: O quê? (reclamações em relação ao conteúdo de um livro de geografia, da Escola Auxiliadora), Quem? (pais dos alunos), Onde? (em Bagé, região marcada por conflitos entre ruralistas e sem-terra), Quando? (apesar de não precisar a data, o texto fornece pistas de que o fato é atual em relação à data de publicação), Por quê? (o livro traz um artigo do líder do MST, João Pedro Stedile).

Por outro lado, a escolha da pauta, a seleção dos entrevistados, a forma de apresentação das informações, as opções linguísticas feitas pelo jornalista/jornal, como veremos na próxima seção, são fruto de escolhas, o que nos permite considerar, remetendo-nos a Schwartz (1994, 2003, 2010), que o trabalhador se vale das *prescrições* como normas lacunares e inacabadas para a produção da notícia. Essas observações permitem que se considere o debate entre normas e renormalizações como constitutivo da atividade do jornalista, o que pode ser constatado pela análise da notícia via tensão entre movimentos, não-excludentes, de aproximação e de distanciamento em relação às técnicas de redação e estilo. Nesse sentido, o jornalista deixa fluir particularidades (ética, valores, saberes) na relação com o outro (fato, jornal, normas, leitor, MST etc.).

3.2 A constituição discursiva da notícia

A fim de procedermos à análise da notícia, passamos a observar quatro aspectos constitutivos do material em foco: (a) equilíbrio de fontes: entrevistados da comunidade e especialistas da área, (b) a questão do referente: o outro lado, (c) generalizações e avaliações e (d) citações. Em todos, mas especialmente nos dois primeiros, podemos observar o embate entre norma e renormalização. Nos dois últimos, a subversão do prescrito é analisada a partir de marcas linguísticas específicas.

(a) Equilíbrio de fontes: entrevistados da comunidade e especialistas da área

O teor das entrevistas pode ser observado no texto principal da notícia em análise, no qual é apresentada a polêmica estabelecida em Bagé em torno da publicação do texto de Stedile em livro escolar. É merecedor de destaque o fato de haver uma disparidade no número de fontes (e suas respectivas opiniões) entrevistadas sobre o uso do artigo de Stedile. Enquanto três

¹¹ Utilizamos a forma “jornalista/jornal” para designar o responsável pela notícia, considerando que a rotina de produção de uma matéria jornalística pode passar pela edição de vários profissionais (repórter, subeditor, editor, editor-chefe etc.).

entrevistados da comunidade condenam o uso, apenas uma fonte é ouvida para justificar a publicação¹²:

(a.1) - Só falta exigir que os alunos levantem e aplaudam – diz Daniela Gomes, administradora e mãe de uma menina de 10 anos.

(a.2) A agrônoma Eveline Almeida ficou impressionada com a pergunta da filha de 11 anos:

- Mãe, o vovô é latifundiário?

Segundo Eveline, a filha teria aprendido, a partir do livro, que a presença de máquinas no campo seria responsável pelos desempregados que chegam às cidades.

- Quando ouvi aquilo, não acreditei. Minha filha estava se sentindo culpada por ser filha e neta de produtor rural – espanta-se Eveline.

(a.3) O Sindicato Rural da cidade contactou a instituição para protestar.

- Publicar um texto escrito por um cidadão processado por pregar o assassinato de produtores rurais é, no mínimo, curioso – comenta o presidente do Sindicato Rural de Bagé, Paulo Ricardo Dias.

A única fonte que não critica o uso do artigo de Stedile e que, no jargão jornalístico, serve de contraponto às fontes que condenam o material didático aparece no penúltimo parágrafo do texto da matéria principal:

(a.4) A direção da escola informou que revisará o conteúdo no próximo ano.

- Estamos abertos a críticas e somos contra invasões e depredações. Vamos discutir a mudança com toda a rede salesiana – informa o diretor da escola, padre Dácio Bona.

Além do texto principal, a notícia é complementada por uma segunda matéria, intitulada *Abordagem de tema seria prematura, dizem especialistas*, na qual são mostradas opiniões de três especialistas. A prática de ouvir *especialistas* ou *autoridades da área* é uma das principais estratégias de produção textual em jornalismo, de forma a conferir credibilidade às informações e oferecer nuances de veracidade aos fatos. No debate entre normas antecedentes e renormalizações, novamente se observa a disparidade no número de fontes ouvidas. Dois especialistas escolhidos são contrários ao uso do texto, enquanto um só o defende (o contraponto):

- Opinião de especialistas

(a.5) O caso sobre o material didático usado na escola de Bagé chegou ao conhecimento do fundador da ONG Escola Sem Partido (www.escola-sempartido.org), criada em 2004 para combater a doutrinação ideológica nas escolas brasileiras.

- Neste caso, estão tentando fazer a cabeça das crianças em uma idade em que elas não têm condições de discernir. Então, se vai se colocar uma visão, no caso o texto do Stedile, que se coloque também uma outra – critica Miguel Urbano Nagib, fundador da organização não-governamental. (Parágrafos 1 e 2)

(a.6) Para a coordenadora do curso de Geografia da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), Cláudia Luísa Pires, textos como os apresentados pela escola são muito complexos para alunos com essa idade:

- Não digo que esteja certo ou errado. Afirmo que esses estudantes são imaturos para receber informações complexas como essa. Eles não têm maturidade para opinar. (Parágrafos 3 e 4)

- Contraponto

¹² Os trechos são apresentados na ordem em que aparecem no texto.

(a.7) O que diz Maria Ignez Diniz, diretora pedagógica da rede salesiana, a qual pertence a escola:

- Não há nenhum juízo de valor. É um livro com conteúdo de geografia. (Box)

Observando o debate entre normas antecedentes e renormalizações, temos de considerar que, embora nos manuais de redação haja prescrições para que, na elaboração da notícia, sejam ouvidas *todas* as possibilidades a respeito do caso, respeitando e dando o mesmo espaço para diferentes opiniões, o que se percebe na notícia em análise é um maior espaço dado a pontos de vista que condenam o artigo assinado por Stedile, publicado no livro didático. Essa disparidade, ainda que possa ser explicada pelos estreitos prazos de fechamento da edição de jornal impresso, que no dia a dia os jornalistas se defrontam, cujo equilíbrio pode ser mais facilmente realizado, em função do tempo disponível, nas revistas semanais que se dedicam ao jornalismo, chama atenção o número de fontes ouvidas e seus posicionamentos. Os efeitos de sentido gerados pela notícia e observados pelos índices discursivos no tecido textual remetem ao fato de que o jornalista/jornal subverte as prescrições dos manuais de redação, os quais recomendam isenção e equilíbrio no número/posicionamento das fontes a serem entrevistadas, ao preencher valorativamente os espaços lacunares das normas.

(b) A questão do referente: o outro lado

O cerne da polêmica gerada em Bagé e mostrada na notícia é a publicação do texto de uma figura pública (líder do MST, João Pedro Stedile) em um livro didático. Em seu desenvolvimento, a notícia traz diferentes opiniões dos entrevistados sobre a publicação do texto de Stedile. A matéria não se restringe, no entanto, a apresentar as divergências e o embate entre um grupo de pais e a direção de uma escola. Ao inserir a opinião do presidente do Sindicato Rural de Bagé (entidade emblemática do setor e reconhecida por repudiar as ações e as ideias de Stedile), o jornalista/jornal sai do âmbito que até então a notícia estava inserida (a divergência sobre o conteúdo do material didático em uma instituição de ensino) e traz pistas discursivas do motivo que gerou tal polêmica: as diferenças ideológicas entre ruralistas e MST.

Tendo em vista essa ampliação, parece-nos adequado considerar que, mesmo indiretamente, Stedile é uma das partes envolvidas no assunto. Isso se deve à possibilidade de considerar o caso a partir de duas dimensões interdependentes: (i) a que coloca em confronto familiares de alunos e a Escola e (ii) a que coloca em confronto as posições dos ruralistas e as do MST. Logo, como, para desenvolver a notícia, o jornalista/jornal consultou um representante dos ruralistas, poderíamos esperar que também consultasse um do MST, como o próprio Stedile.

Nesse âmbito, de acordo com o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2005, p.27), caso o jornalista não consiga obter a opinião de uma das partes envolvidas no assunto, ele deve explicitar para o leitor os motivos por que isso ocorreu, de forma a demonstrar que foi aberta a possibilidade de manifestação/argumentação dos envolvidos na notícia. O *Guia de Ética e Responsabilidade Social da RBS* (2004, p.16) recomenda, no item *Acusações*, que

qualquer pessoa, entidade, empresa, governo ou organismo que sofra alguma acusação deve ser entrevistado e ter sua versão divulgada simultaneamente com a notícia. Em caso de recusa de entrevista ou esgotadas todas as possibilidades de localização do entrevistado, tal informação deve constar na notícia.

A ausência da voz de representante do MST ou de Stedile remete-nos à questão da *não-pessoa*, proposta por Benveniste. Segundo esse autor, na enunciação, entendida como um processo em que o locutor se apropria do aparelho formal da língua e a transforma em discurso (1989), o sujeito falante se utiliza do emprego da primeira pessoa (*eu*) em *contraste* a uma segunda pessoa (*tu*) que implica reciprocidade e intersubjetividade. A terceira pessoa, ao se referir a um *objeto* (pessoa, assunto) colocado fora da locução, é considerada *não-pessoa*. É o caso do *ele*, uma

posição de ausência a quem não é dada a palavra, pois está em um espaço diferente da ocupada pelo locutor e interlocutor: fala-se dele e não com ele. Na notícia em análise, a posição da *não-pessoa* pode ser observada em um dos elementos gráficos da página, um box em que é traçado breve perfil de Stedile. Esse box tem o sugestivo título *Quem é ele*, com uma pequena foto (boneco, no jargão jornalístico) na parte superior.

O debate renovado entre normas antecedentes e renormalizações pode ser observado no decorrer da notícia analisada, trazendo índices das características do trabalho do jornalista, como o modo de interagir com o fato, o jornal, a comunidade. O *Guia de Ética e Responsabilidade Social da RBS* (2004, p.24), no item *Imparcialidade*, afirma que “os veículos da RBS não mantêm índice de nomes ou assuntos proibidos para divulgação. A notícia deve abrir espaço a todos os envolvidos no assunto, sem qualquer preconceito, favorecimento ou perseguição”. Apesar de contemplada no manual, a recomendação de cruzamento de informações, especialmente o espaço para a versão do *outro lado*, não é absorvida integralmente na notícia em análise. A subversão da norma é explicada por Schwartz (2003, p.24) quando afirma que “a história se re-escreve em permanência, que novas normas de construção dos saberes, de construção do social, *renormalizações* incessantes reaparecem em todos os lugares onde os grupos humanos se mobilizam para produzir”.

(c) Generalizações e avaliações

Uma das recomendações dos manuais de redação é que o jornalista evite generalizações, as quais podem abarcar na notícia todo um grupo, sem que, no entanto, a totalidade esteja contemplada ou atingida pelo fato em questão, mas apenas parte dele. O *Manual de Redação do Jornal O Estado de S. Paulo* (1997, p.19-20) traz a seguinte recomendação no capítulo sobre as normas internas e de estilo do jornal: “o Estado não admite generalizações que possam atingir uma classe ou categoria, raças, credos, profissões, instituições, etc.”

Na notícia em análise, podemos identificar apenas a voz de duas mães de alunos (Daniela Gomes e Eveline Almeida). Porém, ao longo do texto são encontradas expressões como *por pais de alunos* (subtítulo), *entre os pais dos estudantes* (parágrafo 1) e *os pais* (parágrafo 2), as quais, além de não mostrarem os autores dessas informações, também oferecem a impressão de que muitos pais foram ouvidos e teriam a mesma opinião sobre o texto de Stedile. Mais uma vez, o prescrito sofre subversão renormalizante, isto é, o profissional, ao desenvolver a tarefa, por mais que tente seguir as recomendações técnicas da sua área, sempre vai se deparar com lacunas existentes, sejam nas normas, sejam nas surpresas do trabalho, o que revela a atividade industriosa do sujeito que exige criatividade e mobilidade no preenchimento de espaços. Esse preenchimento, segundo Schwartz (2003, p.27), é realizado conforme os saberes do trabalhador, o que nos permite aproximar ao pensamento de Bakhtin (2003), no que se refere ao entendimento de que o enunciado é sempre avaliativo. Por isso, a compreensão de que *as normas antecedentes nunca são neutras* são afins aos estudos bakhtinianos, pois, em sendo constituídas pela linguagem, são enunciados, e cada interlocutor, no caso o trabalhador, tem atitude ativa diferente em relação a elas/eles, podendo, inclusive, (re)criar normas para gerir o trabalho.

Ao enunciar, o jornalista/jornal, além de trazer a sua *história*, também direciona o seu dizer. Em outras palavras, o falante *sabe* o que é *dizível* em um dado contexto, sabe o que é admissível, pois ao enunciar faz projeções, antecipando o que o outro pode contrapor. Desse modo, o locutor, ocupando uma posição ativa em relação ao outro (por exemplo, o interlocutor, esfera de atividade, fato, jornal, comunidade etc.), empreende diferentes relações dialógicas com discursos que o antecedem e o sucedem.

Observamos, nessa perspectiva, o uso de palavras avaliativas para designar a reação dos pais, expressões que conferem acento valorativo ao fato, aceitas numa notícia publicada no jornal Zero Hora. Alguns enunciados apresentam itens lexicais mais marcados valorativamente: *os pais ficaram indignados* (parágrafo 3), *A agrônoma Eveline Almeida ficou impressionada* (parágrafo 5), *espanta-se Eveline* (parágrafo 8). Tais enunciados carregam avaliações que aparecem na notícia e que não

deixam de ressoar as escolhas efetuadas pelo jornalista/jornal. Ainda que todo enunciado seja ideológico, um signo ideológico, que expresse sempre uma posição avaliativa (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), nem sempre as posições assumidas pelo locutor são facilmente percebidas pelos interlocutores. A partir dessa reflexão, podemos compreender que, embora a avaliação seja constitutiva de todo dizer, alguns enunciados apresentam marcas avaliativas mais evidentes do que outros.

Os segmentos analisados, apesar de usuais em notícias, também não seguem as prescrições dos manuais de redação, que recomendam a busca de isenção e neutralidade e desaconselham o uso de palavras que possam fornecer avaliações feitas pelo profissional. Essas interferências do jornalista/jornal, no entanto, não comprometem o texto no que tange ao gênero notícia, que, se por um lado, está de acordo com a *relativa estabilidade* dos tipos de enunciados (BAKHTIN, 2003), diferentes possibilidades de concretizar o gênero, desde que algumas recorrências possam ser percebidas, por outro, ratifica o estatuto lacunar das normas e do trabalho (imprevistos), preconizado por Schwartz (2003), em que há sempre espaço para (re)elaborações do trabalhador.

(d) Citações

Duas principais formas de citação são resgatadas na análise: o discurso direto e a destacabilidade.

Do ponto de vista das características constitutivas do gênero do discurso notícia, vale ressaltar o uso do discurso citado. A noção de discurso citado, desenvolvida por Bakhtin/Volochinov (2004, p.144) como “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação (...) um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”, remete, por um lado, ao fato de que todo discurso é constituído por diferentes graus de inserção da palavra de outrem, e por outro, ao fato de que existem marcas linguísticas (em algumas inserções) que assinalam a presença da voz alheia. No que se refere à notícia em análise, chama-nos atenção, dentre as possibilidades do discurso citado, o uso predominante do discurso direto, no caso marcado por travessão, que, além de inscrever sintaticamente as declarações dos entrevistados, orienta o modo de apreensão, a atitude ativa do locutor citante em relação ao discurso do outro. Ao lançar mão das declarações dos entrevistados via discurso direto, são criados efeitos de veracidade, autenticidade e objetividade (característicos do gênero notícia) (MAINGUENEAU, 2001, p.141).¹³ Todavia, temos de ficar atentos, na notícia em foco, para os modos de avaliação do discurso do outro, como é o caso do cuidado com a seleção dos trechos citados e as escolhas lexicais que engendram a citação.

Não se pode desconsiderar ainda que as citações apresentadas no texto são constitutivas da construção da notícia, que segue uma certa organização: inicialmente, explora um determinado fato (no caso, o descontentamento dos pais) para então apresentar opiniões, via citações, de atores de campos sociais de alguma forma envolvidos na informação. Isso ocorre por que o jornalismo se ocupa de temas de diferentes campos sociais e traz à cena pública acontecimentos impregnados de valores-notícia. O que se observa é que, no desenvolvimento da *reprodução* dos falares em outro contexto, no caso jornalístico, há uma reconstrução da situação de enunciação, o que configura, seguindo Maingueneau (2001, p.141), a não objetividade do discurso direto, pois sempre será “um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante”.

Quanto à destacabilidade, Maingueneau (2006, p.80) observa que é próprio dos “procedimentos midiáticos situar enunciados em posições textuais escolhidas [...] de modo a torná-las destacáveis, a favorecer sua circulação posterior”. Afirma ainda que “a citação está inscrita no próprio funcionamento da máquina midiática, cujos atores gastam seu tempo destacando fragmentos de textos para convertê-los em citações (para os títulos e os intertítulos, as resenhas, os resumos, as entrevistas, etc.)”.

¹³ Sobre essa questão, consultar Brait e Rojo (2003), Grillo (2004) e Sant’Anna (2004).

Nessa perspectiva, podemos dizer que o enunciado-título “*Mãe, o vovô é latifundiário?*” foi destacado da notícia da parte referente à entrevista com a mãe da menina que teria feito a pergunta, o que o configura como discurso direto que procura criar efeito de veracidade. Conforme Maingueneau (2006, p.80), o gênero filtra tipos de enunciados destacáveis e relevantes, porém “nada impede que um jornalista converta soberanamente em ‘pequenas frases’, graças a uma manipulação apropriada, qualquer seqüência de um texto”.¹⁴

No caso em foco, podemos perceber que, embora o jornal Zero Hora não costume destacar como título falas de pessoas que não sejam públicas, o enunciado se presta à destacabilidade por ser relativamente breve e por apresentar uma síntese semântica do conflito de valores postos em cena na notícia, já que a pergunta é representativa do impasse entre as famílias de produtores rurais e o conteúdo do livro didático. Causa estranheza, no entanto, o uso da fala de uma criança no título da notícia, que funciona como uma tentativa de atrair a atenção do leitor, causar impacto. Esse tipo de destacamento que mantém um elo com o texto, de acordo com Maingueneau (2006, p.86), “confirma os resultados dos trabalhos recentes sobre o discurso direto, que acentuam seu caráter de simulação e a intervenção constante do locutor que cita”.

O enunciado “*Mãe, o vovô é latifundiário?*”, além de revelar pistas da subjetivação do jornalista/jornal, cria efeito de autenticidade ao dar destaque à fala infantil, renormalizando as orientações dos manuais de redação que desaconselham o uso de apelos emotivos em notícias jornalísticas. Tais pistas fazem ressoar acentos apreciativos que, se por um lado se distanciam dos manuais de redação, por outro parecem se aproximar da linha editorial da empresa de comunicação, que tem demonstrado, através de editoriais, discordar das ações de movimentos sociais como o MST.

4. Considerações finais

O presente estudo, ainda que breve, nos permitiu resgatar índices da atividade discursiva do jornalista, especialmente no que se refere à tensão entre as técnicas de redação, o fato e o jornal. Para tanto, foi fundamental o embasamento da teoria dialógica do discurso e da abordagem ergológica. Enquanto, pela teoria dialógica, fizemos reflexões predominantes sobre o entendimento da notícia como gênero discursivo que indissocia o enunciado concreto da atividade do jornalista, pelo enfoque ergológico, a principal reflexão tange às contribuições para a compreensão do trabalho humano, especialmente o debate entre normas antecedentes e renormalizações.

Na notícia analisada, observamos a ratificação da *lógica* da construção das notícias, ou seja, a exploração inicial de um determinado contexto e a sucessiva expansão para outros campos sociais envolvidos na informação, que se encarregam de reagir à temática. Essa prática parece interessante ao modo de fazer jornal hoje, ainda que, tecnicamente, seja recomendável nos manuais de redação que o jornalismo dê espaço a todas as possibilidades discursivas.

A fim de organizarmos metodologicamente a reflexão, elegemos critérios de observação da notícia, passando pelo contexto de produção até aspectos pontuais, como equilíbrio de fontes, questão do referente, generalizações/avaliações e citações. Desse modo, resgatamos pistas discursivas de que o jornalista na sua atividade está sempre em debate com normas partilhadas historicamente. O fato da disparidade das fontes, tanto dos entrevistados da comunidade quanto dos especialistas no assunto, além do uso do discurso citado, para dar credibilidade ao que está sendo dito, não deixa de ressoar as escolhas (conscientes ou não) efetuadas na elaboração da matéria. Da mesma forma, o modo como o referente é construído no texto não deixa de apresentar pistas da atividade jornalística e do modo como o jornalista se subjetiva na notícia.

As generalizações e avaliações foram observadas em conjunto na análise devido ao fato de não se excluírem, pois entendemos que a generalização é uma forma de avaliação, no caso a

¹⁴ O autor apresenta vários exemplos enfocando a diferença entre as citações e os textos-origem.

inserção da voz de duas mães de alunos como se vários pais tivessem sido ouvidos. Já a avaliação pode ou não remeter a generalizações, o que acontece no enunciado *os pais ficaram indignados*, que parece incluir *todos* os pais como *indignados*. O quarto e último aspecto constitutivo da notícia, analisado neste artigo, refere-se à citação. Chama a atenção o uso predominante do discurso direto, estratégia que cria uma encenação com efeitos de veracidade, objetividade e autenticidade. O título da matéria (*“Mãe, o vovô é latifundiário?”*) não só traz características do discurso direto, como também de outra forma de apreensão do discurso do outro, a destacabilidade, tal como desenvolvida por Maingueneau (2006). O uso da fala de uma criança é uma tentativa de conquistar a atenção do leitor, neste caso, por uma enunciação de impacto, eis que a temática reforma agrária exige reflexões aprofundadas, para as quais dificilmente uma criança de 11 anos estaria preparada.

Com a análise, pudemos verificar o tensionamento entre normas e renormalizações, fazendo emergir modos de criar e reinventar a própria atividade (SCHWARTZ, 2003). Nesse sentido, pudemos compreender características, ainda que parciais, da singularidade da atividade jornalística, via construção discursiva da notícia e o embate com a busca da *objetividade* no tratamento dos fatos. A *precisão* almejada procura passar efeitos de veracidade, o que Lage (1998, p.26) enfatiza ao destacar que “não basta *ser* verdadeiro; é preciso *parecer*”. Essa afirmação nos remete à prática da utilização do discurso direto como recurso ao *dizer verdadeiro* do entrevistado. O que não podemos esquecer é que “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.147), que se projetam, de diferentes formas, na materialização do discurso. Esse é o caso do locutor-jornalista da notícia analisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929). 5.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: *Estética da Criação Verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação (1989). In: *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes, 1974.
- BRAIT, B. e ROJO, R. *Gêneros: artimanhas do texto e do discurso*. São Paulo: Escolas Associadas, 2003.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo – as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. 2.ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- GRILLO, S. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- GUIA de Ética e Responsabilidade Social da RBS/Rede Brasil Sul. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.
- LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Citação e destacabilidade. Trad. Roberto Baronas. In: *Cenas da Enunciação*. Org. por Sírio Possenti e Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006
- MARTINS, E. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*. 3.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- SANT’ANNA, V. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul – Heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade*. São Paulo: Educ, 2004.

SCHWARTZ, Y. *Travail et philosophie: convocations mutuelles*. 2.ed. Toulouse: Octares, 1994.

_____. Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, Revista do Nete, UFMG, vol.12, n.1, jan/jun 2003.

_____. Trabalho e ergologia. Trad. Jussara Brito. In: Schwartz, Y.; Durrive, L. (org.), *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2.ed. Coord. da tradução e revisão técnica de Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF, 2010.

SILVA, C.E.L. (coord.). *Manual de Redação da Folha de São Paulo*. 9.ed. São Paulo: PubliFolha, 2005.

TELLES, A.L.; ALVAREZ, D. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre o trabalho prescrito e normas antecedentes. In: Figueiredo et al. (org.), *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VOLOSHINOV, V. Le discours dan la vie et discours dans la poésie: contribution à une poétique sociologique (1926). Trad. Georges Philippenko; Monique Canto. In: Todorov, T. *Mikabil Bakhtine: le principe dialogique suivi de écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.